



# VIDA ILUSTRADA

É formado em arquitectura, tem noções de pintura e escolheu a ilustração para reproduzir as suas ideias através do desenho. Agenciado pela Who desde 2000, **Nuno Fonseca** revela-nos alguns segredos da sua profissão.

Texto: Filipa Galvão | Fotos: Bruno Colaço

**N**uno Fonseca é ilustrador há quase 20 anos e publicou a sua primeira ilustração quando ainda andava no secundário. Apesar de ter tirado o curso de arquitectura e ter feito alguns trabalhos nessa área, é na ilustração que mais se tem concentrado nos últimos anos. Faz desenhos para jornais, revistas, livros de crianças ou livros de arquitectura e afirma gostar tanto do lado criativo e da liberdade que a ilustração lhe permite como da vertente "stressante" do seu trabalho, com prazos apertados e pedidos concretos e objectivos. Acima de tudo, gosta de poder reproduzir os seus pensamentos e ideias através do desenho.

#### Como começou a sua história como ilustrador?

A primeira ilustração que publiquei foi em 1987/88, ainda estava no secundário. Foi para um conto de ficção científica de uma revista de ficção científica chamada Omnia, uma versão portuguesa da revista americana. Nessa altura, fiz duas ou três ilustrações para essa revista e depois tive imenso tempo sem voltar a fazer. Tirei o curso de arquitectura porque, na altura, os meus pais disseram que me apoiavam se eu tirasse um curso como esse, que tinha mais saída do que pintura. E como,

desde os 7 anos, fazia projectos de casas por brincadeira, achei que não era uma má alternativa. Vejo a arquitectura como o oposto da ilustração. A arquitectura está para o cinema como a ilustração está para a fotografia. A arquitectura envolve uma série de disciplinas e, assim, podia ter uma formação muito mais completa e alargada: como o desenho, o design gráfico ou o design de equipamento. A meio do curso ia desistindo, porque acho que o ensino superior é péssimo no nosso país e comecei a mostrar o meu portfólio e a fazer alguns trabalhos para revistas e livros.

#### Que tipo de trabalhos gosta mais de fazer?

Gosto de trabalhar com bons profissionais e para conteúdos interessantes. Tanto gosto de fazer um trabalho de publicidade para o dia seguinte, em que limitam a minha criatividade e o meu trabalho, como fazer um trabalho para o Expresso ou para o Carlos Tê, em que tenho toda a liberdade de criar a imagem que me apetece, e ainda conteúdos de cariz poético e subjectivo.

#### É difícil atingir os objectivos?

Não é difícil quando as pessoas que me passam o *briefing* sabem exactamente o que querem. O ilustrador é pouco respeitado: muitas vezes dizem-nos para ir experimentando e depois logo dizem o que querem. Nin-

## Ilustradores favoritos

"André Carrilho, Luís Lázaro, Miguel Seixas, Júlio Vanzeller, Carlos Quitério, Nuno Valério, Mário Belém, Pedro Amaral, Manuel San Payo, Luís Prina, Alain Gonçalves, Sofia Dias, Patrícia Romão, Cristina Sampaio, Alice Geirinhas, Fernanda Fragateiro, Manuela Bacelar e, claro, Paula Rego!"

guém pode sobreviver assim. Quando se é *freelancer* não temos o dinheiro certo ao fim do mês.

#### Tem muitos estilos diferentes de ilustração... Não há um que o defina?

Aborreço-me imenso de estar sempre a fazer a mesma coisa. Como dizia Picasso, de estar sempre a vestir o mesmo fato. Gosto de estar sempre a explorar, para mim a reprodução é uma forma de conhecer as coisas, de conhecer o mundo. Aquilo em que me sinto mais à vontade para a reprodução é o desenho. Uso o dese-

nho para ir percebendo as coisas, ao reproduzir estou a conhecê-las e a minha vida vai-se tornando maior. Se fizer sempre o mesmo, isso não acontece e acabo por ser redundante. Não quer dizer que não respeite quem utiliza sempre a mesma imagem, mas eu gosto de misturar, de relacionar.

#### Há uma característica comum aos seus trabalhos?

Sim. Dizem que as minhas ilustrações são pró-negras. São pesadas. O que acontece é que quando um cliente me pede um trabalho, já viu um trabalho meu e diz-me para fazer alguma coisa dentro desse registo. Aí começa a haver uma repetição de estilos. Por exemplo, os trabalhos que faço para o Jornal de Negócios, em conjunto com o Nuno Teixeira, o director criativo, têm um estilo que juntos fomos procurando de acordo com o que achávamos mais adequado àquele jornal. Nesse caso, há uma repetição. Quando me dão liberdade para fazer o que quero, prefiro explorar novos registos.

#### Qual o maior desafio de uma ilustração?

Neste momento, em Portugal, é sobreviver (risos). Quando me dão tempo, liberdade e dinheiro as coisas funcionam melhor; quando me tiram esses três parâmetros, o desafio é maior.

#### Além de talento e jeito para desenhar, quais são as características necessárias para ser ilustrador?

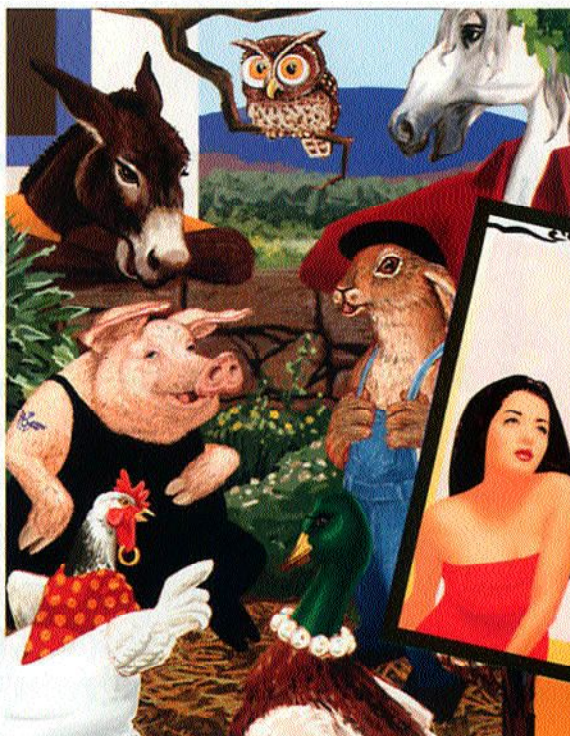
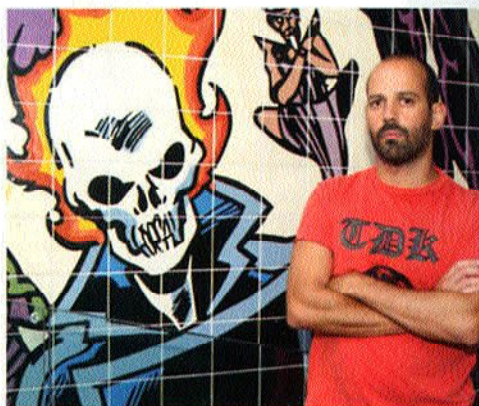
É preciso ser um pouco arrojado, porque não é garantido que haja continuidade na ilustração, nunca se sabe o dia de amanhã. Foi uma aposta que fiz nesse sentido. Conheço vários ilustradores já com alguns anos de trabalho que desistem, outros não fazem desta ocupação a sua profissão a tempo inteiro.

#### Desde 2000 está agenciado pela Who. De que forma é que esta o ajudou a melhorar o seu trabalho?

Gosto de me concentrar no desenho. A parte comercial da coisa, a busca de clientes e estar a exigir que me paguem é um trabalho chato, penoso e que me atrapalha. Ter um agente por trás ajuda imenso. Por outro lado, vendermos o nosso trabalho é muito mais difícil do que alguém vender por nós, porque mostra que não somos só nós a acreditar. Além disso, o facto de ter uma equipa a trabalhar comigo faz-me estar mais acompanhado e eu gosto muito de conviver, de comunicar, de partilhar.

#### Que materiais usa nos seus trabalhos?

A maior parte das vezes não uso materiais, utilizo o computador. Porque é mais rápido, optimiza o trabalho tanto em termos de tempo como de custos. Mas quando posso utilizo todo o tipo de materiais como o grafite, aguarela ou óleos. Também utilizo muito a fotografia: a maior parte das minhas ilustrações são feitas a partir de fotografias que tiro a mim mesmo, geralmente quando são personagens masculinas.



#### Que dimensões têm as suas ilustrações?

As que faço em computador variam, desde o formato A5 até 15 metros. Quando não utilizo o computador, faço em A4, porque tenho um scanner desse formato.

#### Quem são os seus principais clientes?

São publicações, jornais, revistas. A maior parte são jornais e revistas de economia, porque os temas de economia não são fáceis de ser fotografados. Por exemplo, se dissemos que as férias estão mais caras, isso não pode ser fotografado. Tirando isso, tenho clientes em publicidade: são mais raros, mas são os que pagam melhor. Também faço alguns trabalhos de ilustração para arquitectura. Já fiz vários livros de crianças sobre Shakespeare, Gil Vicente, Eça de Queirós. Gosto muito, mas é difícil e de grande responsabilidade. É complicado saber o que as crianças gostam, mas como tenho a vantagem de ter 10 sobrinhos, consigo perceber. Aquilo que tento dar a uma criança são imagens alegres, claras, mas ao mesmo tempo com um lado misterioso que as obrigue a pensar, que não seja tudo completamente revelado, que dê azo à criatividade delas.

#### Nunca pensou em ir para fora?

Nunca pensei, mas tenho de começar a pensar. Primeiro tenho de fazer um site. Fiz um trabalho para uma revista suíça e pouco mais, porque a minha agência concentra-se sobretudo no mercado português. Gostava de fazer um livro histórico sobre arquitectura para crianças, porque há muito pouca coisa feita a esse nível sobre arte e cultura portuguesas.

#### Pensa que a ilustração em Portugal é mais credível e bem vista hoje do que há uns anos atrás? O que tem contribuído para essa mudança de mentalidades?

Foi feito um trabalho importantíssimo pelo O Independente e depois pelo Público. A qualidade de impressão também é melhor. A facilidade de produzir ilustrações também é maior. As primeiras que fiz eram a óleo, depois a aguarela. Quando apareceu o computador o processo tornou-se mais fácil, há uma relação preço/qualidade muito melhor. Isso tem contribuído para que a ilustração se valorize.



#### Já alguém ficou ofendido ou se sentiu lesado com uma ilustração sua?

Não, as minhas caricaturas são inofensivas e divertidas, e tento respeitar ao máximo as pessoas. Sou crítico, mas não na ilustração, porque os conteúdos não são meus, talvez seja mais crítico em relação à arquitectura. Na arquitectura há uma componente social muito maior. Talvez um dia quando fizer um livro e o ilustrar, será mais para chamar a atenção para coisas alternativas que as pessoas não estejam habituadas a olhar. Mas não para dizer mal de ninguém, isso não é construtivo.

#### Nunca se sentiu exposto nos seus desenhos?

Tento não pensar nisso. É um facto que uma pessoa se expõe imenso, mas acho que me exponho ainda mais numa entrevista como esta (risos). A partir do momento em que se trabalha em comunicação, acabamos por nos expor. São os ossos do ofício. ■